

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

O ESPAÇO NA LITERATURA: UMA ANÁLISE DA GEOGRAFIA LITERÁRIA DO PRIMEIRO ROMANCE GAÚCHO – A *DIVINA PASTORA*

Ivânia Campigotto Aquinoⁱ (UPF)
Lucas Flores Hayetⁱⁱ (UPF)
Jair Pereira Juniorⁱⁱⁱ (UPF)

1. TEMÁTICA

Este artigo apresenta um estudo sobre o espaço geográfico representado no primeiro romance gaúcho, *A divina pastora*, de Caldre e Fião, publicado em 1847. Tem-se o objetivo principal de estabelecer relações teóricas entre Literatura e Geografia, sob a perspectiva do teórico italiano Franco Moretti. Para tanto, focaliza-se a dominante ficcional, analisando o deslocamento espacial de uma das personagens principais - Almênio – e, com isso, interpretar a forma como o escritor aproveitou a geografia local na estruturação da narrativa.

2. A *DIVINA PASTORA* NO CONTEXTO DA LITERATURA BRASILEIRA

José Antonio do Vale, conhecido no meio literário por Caldre e Fião, é autor do primeiro romance gaúcho, que vem a ser a terceira obra do gênero no Brasil. Foi em 1847 que publicou, no Rio de Janeiro, *A Divina Pastora*. Antes dele, Teixeira e Sousa

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

escreveu *O filho do Pescador* (1843) e Joaquim Manuel de Macedo, *A Moreninha* (1844). Essa posição temporal, no entanto, só foi possível definir no final do século XX. Antes, por 145 anos, o romance *A Divina Pastora* estava desaparecido

. Havia notícias de que ele existia, porém não se conseguia encontrar nenhum exemplar. Guilhermino Cesar bem que o tentou quando pesquisou a literatura gaúcha para escrever o livro *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, publicado em 1956, todavia não o localizou. Por isso, na introdução de sua obra, fez um apelo aos leitores, como mais uma tentativa de encontrar o romance perdido:

E o que me pesa é ainda ter escrito esta história antes de encontrar, após alguns anos de afanosa busca, certos livros de alto valor documental ou histórico. Por exemplo, não consegui sequer localizar o primeiro romance rio-grandense, *A Divina Pastora*, de Caldre e Fião, sem embargo de ter feito o impossível para isso. Espero que algum leitor magnânimo me dê esse prazer (CESAR, 1971, p. 22 -23).

Tempos depois, a história do livro toma outro rumo. O responsável pela mudança foi o livreiro Adão Fernando Monquelat, de Pelotas, Rio Grande do Sul, talvez um leitor sensibilizado por Guilhermino. Ele se deparou com um exemplar do romance em Montevidéu, no Uruguai, e o resgatou. Pode ser o único exemplar da primeira edição, pois, caso exista algum volume em algum acervo, no Brasil, ainda não se tornou público. Flávio Loureiro Chaves, no seu texto que consta na segunda edição do romance, diz que por cento e quarenta e cinco anos foram inúteis os esforços de bibliófilos e pesquisadores para encontrar *A divina pastora*.

Caldre e Fião escreveu *A divina pastora* numa época em que o romance ainda principiava como gênero no Brasil. Por essa razão, encontramos um estilo bastante distanciado do que verificamos na evolução da escritura dos romances, como a inclusão

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

insistente de notas de rodapé explicando vocábulos próprios da linguagem gaúcha, situações e comportamentos peculiares ao povo, características da terra, do clima, do relevo, fatos históricos. Essa construção confere uma estrutura didática ao romance, sem deixar de mergulhar, efetivamente, no universo ficcional.

Uma estrutura assim revela o processo de aprendizagem da construção do gênero romance em nosso país. Em 1847, fazer prosa literária era ainda experiência muito recente no Brasil. E a história da literatura brasileira nos mostra que o Brasil, Estadação jovem quando o gênero se iniciou, ainda demoraria para encontrar sua forma no romance. Só com Machado de Assis este amadureceu, ficou pronto. Por conta disso, provavelmente, *A divina pastora* revele uma certa imaturidade do gênero, mostrando uma falta de separação entre os campos da arte e história do real.

Ao dirigirmos nosso olhar para o processo de construção do gênero, o que encontramos nesta obra, em termos de estrutura e de conteúdo informativo, pode ser um defeito em relação ao paradigma do romance do mundo urbano plenamente configurado. No entanto, é preciso dirigir-lhe o olhar de uma perspectiva histórica: quando ele foi escrito, lia-se de tudo e havia poucos livros para se ler num Brasil que ansiava por construir seus próprios padrões culturais. Nesse sentido, o romance, que seria um espaço para narrar, também servia de espaço para dissertar, opinar, informar. Além disso, notemos que, pela descrição do espaço, pelo uso do nome “pastora” e pela construção das personagens, especialmente as femininas, o romance também se caracteriza pelo aspecto pastoral, tributário da tradição classicista pré-romântica.

O tempo histórico da obra é o da Revolução Farroupilha, episódio histórico do Rio Grande do Sul ocorrido de 1835 a 1845. No cotejo dessa imagem do passado, há uma visão sobre o modo de ser da sociedade da província de São Pedro do Rio Grande naqueles tempos, incluindo os recém-chegados imigrantes alemães, uma descrição da

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

paisagem, um desenho dos caminhos de acesso que formavam a região compreendida entre São Leopoldo e Porto Alegre, bem como uma exaltação à bravura, à consciência de nacionalização e à virtude dos habitantes da Província.

Nesse sentido, é um romance escrito sobre o presente na época, visto que a escritura acontece quando as coisas ainda existem e o tempo dos fatos históricos representados é o tempo de existência do escritor. Assim, diferencia-se do romance histórico, tipo de narrativa que traz algo não experimentado pelo autor, algo que não é do seu tempo, conforme a teoria de Seymour Menton (2003), que afirma ser romance histórico aquele que narra uma ação ocorrida em uma época anterior ao do romancista.

Predominam no enredo as ações de pessoas de origem lusa, porém, atento ao novo que se apresentava no processo de colonização da terra, dado pelos germânicos ali instalados há pouco mais de vinte anos, o autor coloca uma família de imigrantes em relação direta com as personagens do plano principal, como Almênio, um destemido guerreiro farroupilha, e Edélia, a própria divina pastora.

A divina pastora é Edélia, uma jovem muito bela e idealizada em sua bondade, que ocupa a centralidade da história e tem, no início, um romance com Almênio, a personagem masculina principal. Almênio é um tenente republicano que, depois de uma revisão de consciência, resolve passar para os lados dos imperiais. Assim Almênio explica a sua mudança: “Entre no exército do Imperador, liguei-me à causa da minha pátria, porque a liberdade não está naquele que a pronuncia todos os dias mas no mais reto e naquele que sabe melhor fazer respeitar e sustentar os seus deveres e os seus direitos”(CALDRE E FIÃO, 1992, p. 144). Caldre e Fião, a julgar pelo seu romance, posiciona-se contrário aos ideais e à luta dos revolucionários farroupilhas. Assim, promove essa passagem de Almênio do lado dos farroupilhas para o lado dos imperiais,

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

tratando isso como uma atitude correta, que eleva o caráter do guerreiro, uma vez que reconhece o dever e o direito de lutar pela sua pátria, o Brasil.

3. GEOGRAFIA LITERÁRIA FORMADA POR ESPAÇOS E DESLOCAMENTOS

Os estudos atuais sobre a relação literatura e geografia foram desenvolvidos pelo italiano Franco Moretti. Sua proposta é construir uma geografia literária a partir do enredo dos romances. E essa geografia pode se referir a duas coisas muito diferentes, conforme ele mesmo explica: "Pode indicar o estudo do espaço na literatura; ou ainda, da literatura no espaço. No primeiro caso, a dominante é ficcional. (...).No segundo caso, é um espaço histórico real" (MORETTI, 2003, p. 13). Trata-se de usar mapas sistematicamente para interpretar o enredo de um romance. Os mapas são ferramentas analíticas:

que dissecam o texto de uma maneira incomum, trazendo à luz relações que de outro modo ficariam ocultas. Um bom mapa vale mil palavras, dizem os cartógrafos, e eles estão certos: porque ele produz mil palavras: levanta dúvidas, ideias. Coloca novas questões e nos força a buscar novas respostas" (MORETTI, 2003, p. 14).

A literatura e a geografia formam uma relação que remete à configuração dos espaços no interior do universo ficcional. Tal configuração possibilita situar o fenômeno literário que se manifesta em romances. Dados e recursos que são familiares a geógrafos passam a ser instrumentos para a análise do estudioso da literatura. É certo que, dessa forma, a geografia é ressignificada na sua função, sendo vista como "uma força ativa,

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

que impregna o campo literário e o conforma em profundidade" (MORETTI, 2003, p. 13). Assim, a literatura constrói uma outra forma de ver certas relações espaciais significativas que, sem as informações e os conhecimentos da geografia, escapariam.

A figura que segue é ilustrativa da proposta teórico-metodológica de Franco Moretti. Representa uma visão de longe sobre a produção de romances gaúchos durante um tempo de mais de 100 anos de colonização alemã no RS. São três obras apenas nesse período, ou seja, uma produção literária escassa para tanta matéria a ser ficcionalizada. Também, a figura faz ver um padrão de exclusão quanto à representação dos espaços geográficos povoados pelos imigrantes alemães.

15ª Jornada Nacional de Literatura

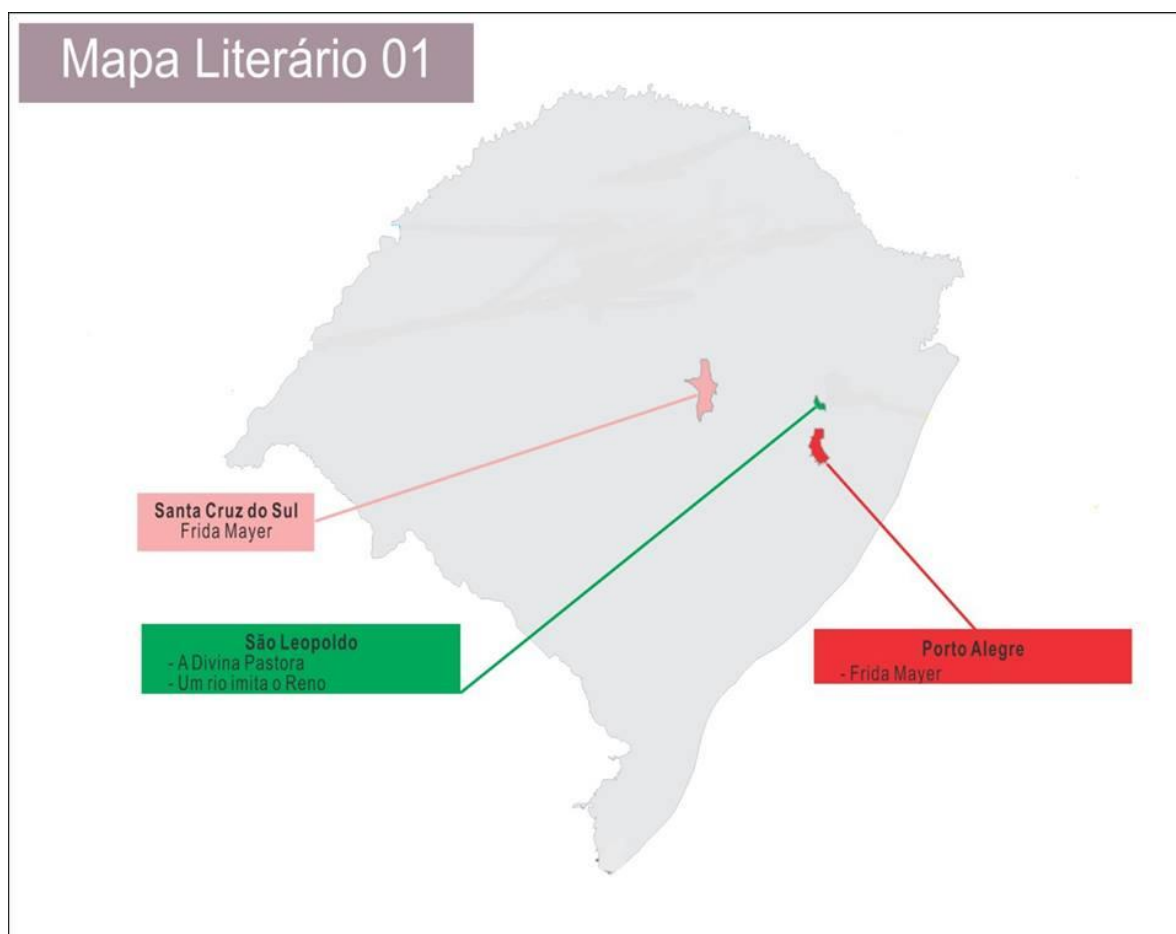
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.



A ideia de Moretti é que cada lugar gera seu próprio tipo de história. Nesse sentido, *A Divina Pastora* absorve muito do que a então Província de São Pedro está gerando, especialmente a Revolução Farroupilha e a colonização alemã. Os acontecimentos que envolvem essas duas imagens históricas constroem uma geografia literária que faz referência a espaços reais, como São Leopoldo e Porto Alegre. Há, também, deslocamentos para Viamão, Passo da Cavalhada e Belém Velho.

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

Caldre e Fião inclui em seu discurso a explicação sobre a criação de São Leopoldo, retomando a história do local onde se fixaram, em 1824, os 38 alemães que deram início ao processo de colonização da província do Rio Grande de São Pedro, assistida, então, pelo governo imperial. O lugar chamava-se Feitoria do Linho-Cânhamo, mas, com a destinação das terras aos recém-chegados da Alemanha, passa a se chamar colônia alemã de São Leopoldo, por determinação do imperador dom Pedro I e em homenagem à imperatriz dona Leopoldina, sua esposa. O autor assim descreve a colônia:

Na margem oposta em que ela está assentada começam as habitações dos colonos alemães que, estendendo-se por uma vasta porção de terreno, vai terminar na encosta da serra geral e para as bandas do Fachinal e Pinhal, tomando o nome de Colônia de São Leopoldo. As línguas alemã e portuguesa são faladas simultaneamente até pela baixa classe do povo. Existiam aí, em 1834, duas casas destinadas ao culto particular do Protestantismo, da religião luterana; duas escolas alemãs, uma das quais frequentei pelo curto espaço de dois meses; e uma aula nacional. A indústria alemã, aí levada pelos colonos, prospera sem entraves, no meio de uma liberdade constante que é partilha dos brasileiros e que a ele bafeja agradavelmente. A agricultura, essa primeira mãe da felicidade dos homens, única e verdadeira riqueza dos estados novos, é exercida pelos seus habitantes e de seus contornos com admirável desenvolvimento. Entre alguns dos colonos, expatriados de sua terra por motivos talvez bem justos, encontra-se uma pura e adiantada ciência; conversei com muitos que conheciam de perto as ciências físicas, as matemáticas, a história natural, as ciências morais e muitas aplicações desses conhecimentos abstratos aos usos da vida, como, por exemplo, um que tão bem me desenvolveu a causa da elasticidade dos gases e de sua aplicação às máquinas de navegação e outros princípios da mecânica que me maravilhou a ponto de acreditar ser ele, como apregoavam, filho de um conde alemão, cujo nome é bem conhecido nos gabinetes políticos da Europa (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 153).

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

Essa descrição pormenorizada ainda inclui a localização geográfica da vila, à margem do rio dos Sinos, quinze léguas acima da boca que o deságua no Guaíba. Suas casas são de estilo gótico, possui uma pequena igreja católica (notemos a referência ao espaço usado pelos protestantes, as casas, como foi mencionado no item anterior: “Existiam aí, em 1834, duas casas destinadas ao culto particular do Protestantismo, da religião luterana”). Não há edifícios públicos e caracteriza-se pela simplicidade e alegria.

Num dos momentos da narrativa em que se percebe uma preocupação maior com o real do que com a ficção, atribuindo um caráter didático ao romance, Caldre e Fião faz uma nota de rodapé para acrescentar dados referentes a São Leopoldo:

Esta povoação foi elevada à categoria de vila em virtude da lei provincial nº 4 do 1 de abril de 1846, cujo Projeto foi apresentado sob nº 7 à Assembleia Provincial desse mesmo ano, assinado pelos deputados – J. Rodrigues Fagundes, Dr. Luís da Silva Flores, Patrício Corrêa da Câmara, Manoel José de Freitas Travassos Filho, Jacintho da Silva Lima, Oliveira Bello, João Capistrano de Miranda e Castro, Ignacio Joaquim de Paiva Freire de Andrade. (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 153).

O lugar dos imigrantes, por meio dos quais o autor aborda o processo de colonização, fica restrito a São Leopoldo, que se apresenta com a arquitetura e a organização dada pela cultura dos alemães. A atmosfera que por ali paira, no entanto, não é um exclusivismo dos estrangeiros, pois suas relações são construídas com os luso-brasileiros e os modos de ser de ambas as etnias se aproximam e se harmonizam.

Há registros da década de 1830 que confirmam um número expressivo de famílias de brasileiros compondo a população de São Leopoldo. Tramontini recorre aos dados discriminados no ofício que o piloto Miguel Gonçalves dos Santos envia ao presidente da Província em 1833, quando lá está trabalhando na medição e coordenação do arruamento da povoação, e informa que São Leopoldo contava, nos anos 30,

com 108 casas brasileiras, das quais 86 estavam arruadas e 22 eram dispersas, e 113 casas de alemães, com 90 arruadas e 23 dispersas, possuía ainda uma igreja católica e outra protestante, oficinas com muito bons mestres, na povoação, e bons lavradores, na colônia. Chamam atenção os dados que afirmam ser expressiva, na povoação, a população de `nacionais` (TRAMONTINI, 2003, p. 208).

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

Se houve intenção do autor de representar a hostilidade a que o mundo real, possivelmente, assistia entre o estrangeiro e o nativo, julgou por bem distanciar o fato do enredo principal, fazendo aparecer como um caso destes “que se contam por aí”.

Referências

- CALDRE e FIÃO, José Antonio do Vale. *A divina pastora*. Porto Alegre: RBS, 1992.
CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.
MENTON, SEYMOUR. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu: 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.
TRAMONTINI, Marcos Justo. *A organização social dos imigrantes: a Colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850)*. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003.

ⁱ (Doutora, UFRGS, Brasil)

E-mail: ivania@upf.br

ⁱⁱ (Graduando, UPF, Brasil)

E-mail: 119158@upf.br

ⁱⁱⁱ (Graduando, UPF, Brasil)

E-mail: 77500@upf.br